



# A influência da dinâmica familiar no desenvolvimento da linguagem

## The influence of family dynamics in language development

## La influencia de la dinámica familiar en el desarrollo del lenguaje

Taís Cervi\*

Luciana da Silva Barberena\*\*

Mariane da Silva Brandão\*\*\*

Marcia Keske-Soares\*\*\*\*

### Resumo

**Objetivo:** Discutir a relação entre o desvio fonológico e as influências do discurso parental nesta desordem da linguagem. **Material e método:** A pesquisa baseou-se em uma metodologia qualitativa, a partir da análise de conteúdo. Participaram da pesquisa doze familiares/responsáveis pelas crianças que foram diagnosticadas como com desvio fonológico e encaminhadas ao Centro de Estudo de Linguagem e Fala (CELF) do Serviço de Atendimento Fonoaudiológico (SAF) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Utilizou-se como instrumento uma entrevista com questões abertas – Entrevista do Discurso Parental – a fim de verificar em que contexto a criança se encontrava no discurso dos seus responsáveis. **Resultados:** Os resultados obtidos por meio do instrumento utilizado serviram como um comparativo entre o sintoma apresentado pela criança – desvio fonológico – e a significação dada a ela

---

\*Psicóloga; Especialista em Psicologia Clínica Infantil/UNIFRA; Especialista em Transtornos do Desenvolvimento da Infância e Adolescência – Abordagem Interdisciplinar – Centro Lydia Coriat; Mestranda em Distúrbios da Comunicação Humana – UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

\*\*Fonoaudióloga; Mestre em Distúrbios da Comunicação Humana – UFSM. Doutoranda em Distúrbios da Comunicação Humana – UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

\*\*\*Educadora Física; Especialista em Atividade física, desempenho motor e saúde – UFSM; Mestranda em Distúrbios da Comunicação Humana – UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

\*\*\*\*Fonoaudióloga; Doutora em Linguística Aplicada – PUC/RS. Docente do Curso de Fonoaudiologia e da Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana – UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.

**Conflito de interesses:** Não.

**Contribuição dos autores:** TC: autor principal da pesquisa, LSB: colaboradora na redação do artigo e interpretação dos dados. MSB: colaboradora na redação do artigo, MKS: professora orientadora da pesquisa

**Endereço para correspondência:** Taís Cervi, Rua Venâncio Aires, nº 779, Apto. 606.

Bairro: Centro - CEP: 97010-001, Santa Maria, RS, Brasil.

E-mail: taiscervi@hotmail.com

**Recebido:** 27/02/2014; **Aprovado:** 02/11/2014



por meio do discurso dos familiares. Constatou-se também na fala das mães a dificuldade de separação entre mãe/criança. **Conclusões:** Observou-se que algumas características em relação ao comportamento das crianças estavam relacionadas aos discursos parentais.

**Palavras-chave:** Criança; Distúrbios da fala; Relações Familiares.

### Abstract

**Purpose:** discuss the relationship between the speech disorders and the influences of parental speech in this disorder of language. **Materials and methods:** the research was based on a qualitative methodology from the content analysis. Twelve relative/legal responsible-child diagnosed with having speech disorder and sent to the Centro de Estudo de Linguagem e Fala (CELF) of Serviço de Atendimento Fonoaudiológico (SAF) of Universidade Federal de Santa Maria. Was used as an instrument an interview with open questions - Interview Parental Speech - to check the context in which the child was in the speech of the perpetrators. **Results:** the results obtained by the instrument served as a comparison between the symptom presented by the child - speech disorder - and the parental meaning given to it through discourse of family. It was also found in the speech of mothers to the difficulty of separation of mother/child. **Conclusions:** it was observed that some characteristics in relation to children's behavior were related to parental discourses.

**Keywords:** Child, Speech Disorders; Family Relations.

### Resumen

**Objetivo:** discutir la relación entre el fonológico y las influencias del discurso de los padres en este trastorno del lenguaje. **Materiales y métodos:** Participaron de la investigación doce familias/tutores de los niños que fueron diagnosticados con trastorno fonológico y remitidas al Centro de Estudios del Lenguaje y del Habla (CELF) del Servicio de Atendimento Fonoaudiológico (SAF) de la Universidad Federal de Santa Maria (UFSM). Se utilizó como instrumento una entrevista con preguntas abiertas - Entrevista del Discurso Parental - para comprobaren que contexto el niño estaba en el discurso de los responsables. **Resultados:** Los resultados obtenidos por el instrumento sirvieron para una comparación entre el síntoma presentado por el niño - trastorno del habla - y el significado que se le da en el discurso de la familia. También se comprobó, en el discurso de las madres, la dificultad de separación entre madre/hijo. **Conclusiones:** Se observó que algunas características del comportamiento de los niños estaban relacionadas con los discursos de los padres.

**Palabras clave:** Relaciones Madre-Hijo; lenguaje infantil; trastorno autístico..

### Introdução

Este trabalho surge a partir de reflexões acerca do sintoma da linguagem e as questões psíquicas que ele poderia estar ocultando. Nesse sentido, a pesquisa parte da premissa de que o sujeito deve ser considerado antes de qualquer sintoma. E mais, que este sujeito demanda algo para além de uma cura biológica. Assim, o sintoma vem a ser

uma produção subjetiva que só pode ser considerado a partir de uma posição ordenada através da linguagem.

A pesquisa propõe, então, uma visão norteada pela Psicanálise, onde o sujeito é tomado por suas particularidades e seu sintoma entendido como uma manifestação subjetiva. Esse olhar se distancia da visão médica onde o foco é o viés orgânico e a fala sintomática é tomada apenas como um erro,

desconsiderando-se os efeitos que o sintoma produz no sujeito e no outro.

Observa-se que Instituições de Ensino Superior Brasileiras vêm se apropriando das trocas realizadas entre Fonoaudiologia e Psicanálise. Dentre os estudos, incluem-se os trabalhos de Trigo (2004)<sup>1</sup> desenvolvido no Programa de Estudos de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da PUC-SP, e o de Faria e Trigo (2006)<sup>2</sup>, no Laboratório de Estudos e Pesquisas Psicanalíticas e Educacionais sobre a Infância (LEPSI) da USP. Na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), apenas um estudo desse tipo foi desenvolvido por Pereira e Keske-Soares (2010)<sup>3</sup>.

Embora importantes trabalhos tenham sido desenvolvidos nesse sentido, observa-se que a clínica da linguagem ainda é bastante influenciada pela clínica médica, fazendo com que o paciente em tratamento seja escutado pela via do patológico. Acaba-se, então, investigando a sua história apenas na intenção de buscar a origem do não funcionamento (ou do funcionamento errado) da linguagem, havendo uma fixação no erro causado pela patologia, sem levar em consideração suas questões subjetivas que fazem parte da sua constituição enquanto sujeito.

É somente a partir da concepção psicanalítica de sujeito constituído na linguagem que se pode escutar para além do puro erro. Assumir uma concepção de sujeito circunscrita pela Psicanálise é fundamental para contextualizar a escuta que se faz do paciente que tropeça na fala e situar desde que lugar se considera aquele que chega ao clínico com um sofrimento no campo da linguagem<sup>4</sup>.

A patologia de linguagem a ser considerada nessa pesquisa é o desvio fonológico. Fonologicamente a aquisição e o desenvolvimento fonológico ocorrem de maneira gradativa, de acordo com a comunidade linguística onde o sujeito está inserido<sup>5,6</sup>. Acredita-se que a partir dos quatro anos de idade a maioria das crianças possui

seu sistema fonológico completo<sup>7</sup>. Entretanto, há algumas crianças com essa idade que apresentam dificuldade de organizar o sistema de sons de sua língua<sup>8</sup>. Estudo aponta que essa dificuldade varia de um grau leve, envolvendo poucos sons, a um grau severo, onde há a ocorrência de múltiplos erros na fala e baixa inteligibilidade<sup>9</sup>. No entanto, não são encontradas alterações orgânicas relacionadas<sup>10</sup>. São estas características que denominam o desvio fonológico.

A etiologia do desvio fonológico ainda é desconhecida, embora alguns estudos mais recentes apresentem possíveis fatores influentes, incluindo o núcleo familiar<sup>11,12</sup>.

A presente pesquisa sustenta que crianças diagnosticadas com desvio fonológico apresentariam uma posição refratária<sup>13</sup> às mudanças nos padrões de fala. Poderiam negar a convenção linguística em função de uma dificuldade de sair do período de dependência relativa<sup>14</sup>.

Em termos de constituição psíquica, esse é um período que diz respeito ao momento em que a criança suporta por mais tempo a ausência da função materna\*.

Durante a constituição psíquica de uma criança, ela passa por dois momentos: o da alienação e o da separação. No momento da alienação, mãe e criança se encontram numa relação dual onde a mãe toma a criança como seu objeto de satisfação total de desejo, fundamental para esse momento<sup>15</sup>. Porém, ambas precisam sair dessa relação de completude: a mãe, para que possa voltar aos seus hábitos (trabalhar, voltar seu desejo ao marido e etc.), e a criança, para que possa ir em direção ao seu desejo. Para que a constituição psíquica aconteça de forma satisfatória e saudável é preciso que o desejo da mãe seja interdito para que a criança não fique na posição de responder como objeto materno. Se a criança representa o objeto que satisfaz completamente o desejo da mãe, não haverá lugar para que uma interrogação pelo desejo seja formulada pela criança.

\*Em Psicanálise se fala no conceito de "função", seja ela materna ou paterna, em vez da ênfase atribuída aos laços consanguíneos. Dessa maneira, a pessoa que exerce essa função à criança, não necessita ser a mãe ou pai biológicos, mas sim alguém que represente as figuras de pai e mãe na fantasmática inconsciente da criança, ou seja, representantes simbólicos contidos no imaginário da criança.

A interdição desse desejo é feita pela função paterna que dará entrada ao segundo momento: a separação. A função paterna vai assinalar à mãe que a criança é um sujeito diferente dela, o que lhe permitirá ver que a criança manifesta desejos diferentes dos seus<sup>16</sup>. É isso que vai possibilitar que a criança entre no campo da linguagem, permitindo a função da fala (linguagem) e o aparecimento do sujeito<sup>17</sup>.

Entretanto, quando algo não vai bem nesses momentos de constituição, presencia-se a manifestação de algum sintoma, por vezes um sintoma de linguagem. Uma manifestação sintomática pode ser entendida como uma resposta à demanda parental que passa a estabelecer uma função de laço entre o corpo da criança e os outros que a cercam (família, escola...) mantendo um duplo sentido, pois emerge como real no próprio corpo da criança e pertence ao campo das funções parentais. Dessa forma, o sintoma se apresenta como uma mensagem cifrada que tem como endereço certo os pais, ao mesmo tempo em que mantém uma mensagem de se fazer ouvir<sup>18</sup>.

É devido a essa condição que os terapeutas que se ocupam do campo da infância precisam escutar de modo atento as questões que levam uma criança a manifestar tal sintoma e entendê-lo como uma linguagem a ser decifrada, pois o que pode estar envolvido nesse sintoma é a construção de questões subjetivas mal alicerçadas e uma resposta a uma demanda parental.

Se compreendidas unicamente no campo do erro, as falas sintomáticas perdem a dimensão de acontecimentos singulares e enigmáticos. Tomadas assim, as patologias de linguagem refletem apenas o apagamento tanto do sujeito como da dimensão de sofrimento. Acaba-se por assistir ao desconhecimento dos motivos pelos quais uma fala acontece assim, sintomaticamente desarranjada, e se fica na impossibilidade de proporcionar à criança uma outra forma de fazê-la.

Assim, a pesquisa sustenta que há uma relação entre o discurso parental (significações dadas pelos pais ou seus substitutos às crianças) e o desvio fonológico.

Para tanto, considera-se nesta pesquisa o psiquismo na tentativa de elucidar os fenômenos envolvidos na aquisição da linguagem. Acredita-se, portanto, que o desvio fonológico parece ser um problema multifatorial que envolve aspectos psíquicos e questões da dinâmica familiar – a

inserção da criança nesta dinâmica e a posição que ela ocupa na mesma –, sua constituição como sujeito-interlocutor.

A pesquisa foi desenvolvida de forma a identificar fatores psicológicos associados ao desvio fonológico, sendo que tais fatores foram identificados através do lugar simbólico destinado ao desvio fonológico no discurso parental, ou seja, da significação dada à criança e ao distúrbio de fala no discurso dos responsáveis pelas mesmas.

## Material e método

### Delineamento

Trata-se de uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, a partir da Análise de Conteúdo<sup>19</sup>. O motivo da escolha desse delineamento deu-se pelo fato de a pesquisa implicar questões subjetivas que não poderiam ser quantificadas e que ultrapassam os significados manifestos.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Santa Maria/RS e aprovado sob o no 12636713.6.0000.5346. Os responsáveis pelas crianças assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a entrevista bem como a posterior publicação dos resultados.

### Participantes

A amostra foi constituída por 15 responsáveis de 10 crianças que foram encaminhadas por diferentes profissionais da saúde ou por escolas ao Centro de Estudos da Linguagem e Fala (CELFL) do Serviço de Atendimento Fonoaudiológico (SAF) da UFSM e diagnosticadas por esse setor com desvio fonológico.

No setor foram realizadas avaliações com fonoaudiólogos que atuam nesse atendimento. Avaliações da fala e da linguagem infantil diagnosticaram o desvio fonológico. Foram realizados exames complementares, também no SAF, audiológico, otorrinolaringológico e neurológico. Nos exames complementares não foram constatadas alterações que pudessem interferir no desempenho comunicativo dessas crianças.

Os participantes foram selecionados aleatoriamente, tendo sido os responsáveis contatados por telefone pela pesquisadora a partir dos contatos dispostos na Pasta de Registros do SAF. Depois de

contatados, agendaram-se os horários para a entrevista com os pais das crianças nas salas do SAF e, antes de iniciar a entrevista, eles foram esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa e dos procedimentos, e realizando então a leitura e assinatura do TCLE.

### Instrumento

O procedimento utilizado foram entrevistas realizadas com os pais pela psicóloga pós-graduada. A entrevista foi semiestruturada com perguntas abertas que permitiram esclarecer questões sobre o lugar que a criança ocupava na família e no discurso parental, aspectos sobre o desenvolvimento da criança, questões referentes ao distúrbio e de como a família entendia e trabalhava com esse distúrbio.

As entrevistas tiveram duração média de uma hora, gravadas por meio de gravador de voz MP3 Player, marca Power Pack, modelo DVR 1076, transcritas ortograficamente e analisadas.

### Procedimentos

O material obtido das entrevistas foi analisado qualitativamente de acordo com a proposta da análise temática de conteúdo, tendo o *corpus* das entrevistas como objeto de estudo.

Para a análise dos resultados, visando uma melhor organização e exploração dos resultados obtidos, seguiu-se as seguintes etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

Dessa forma, a etapa de pré-análise consistiu na transcrição ortográfica das entrevistas e na

leitura e releitura das transcrições, podendo, a partir disso, propor as categorias. Com o objetivo de identificar passagens relacionadas a cada categoria que abordassem questões relacionadas ao desvio fonológico e à dinâmica familiar, a exploração do material foi feita de forma descritiva, categorizando e reagrupando os dados conforme semelhanças. Por fim, os dados foram tratados de forma reflexiva e articulados à fundamentação teórica do estudo.

### Resultados

Os dados obtidos foram agrupados em categorias temáticas por meio da categorização do material com o objetivo de apontar elementos que pudessem estar influenciando no desejo da criança em falar conforme suas convenções linguísticas. Dentro das categorias os dados foram apresentados e ilustrados por falas dos entrevistados, discutidos e embasados teoricamente segundo pressupostos psicanalíticos.

É importante ressaltar que, conforme demonstra a figura 1, houve a presença do casal parental em apenas metade da amostra, sendo que na outra metade houve a participação apenas das mães. No entanto, para fins de análise de dados, o casal foi considerado numericamente como sendo um único responsável, o que resultou em 10 responsáveis.

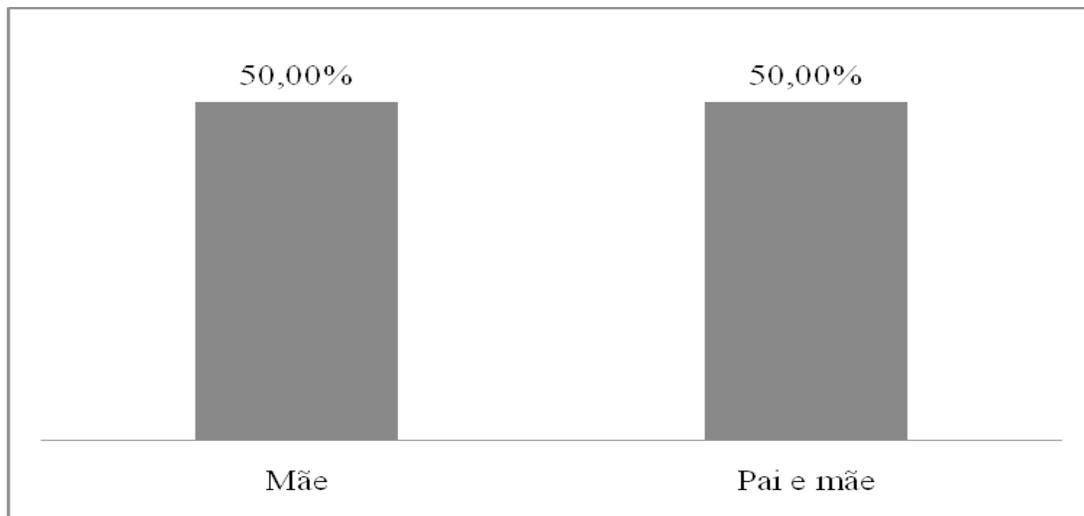
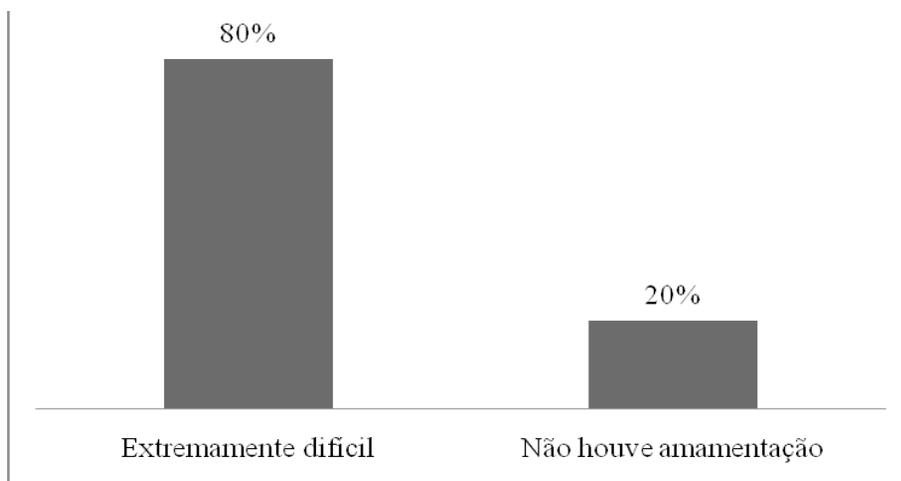


Figura 1 – Participação dos familiares na entrevista realizada

### Categoria 1 – separação de vínculo mãe/criança

Durante as entrevistas, constataram-se algumas questões que chamam a atenção e que se relacionam com a dificuldade de separação de vínculo entre a

mãe e a criança. Quando questionadas em relação a desmame, a maioria delas relatou que esse foi um momento de extrema dificuldade como demonstra a figura 2.



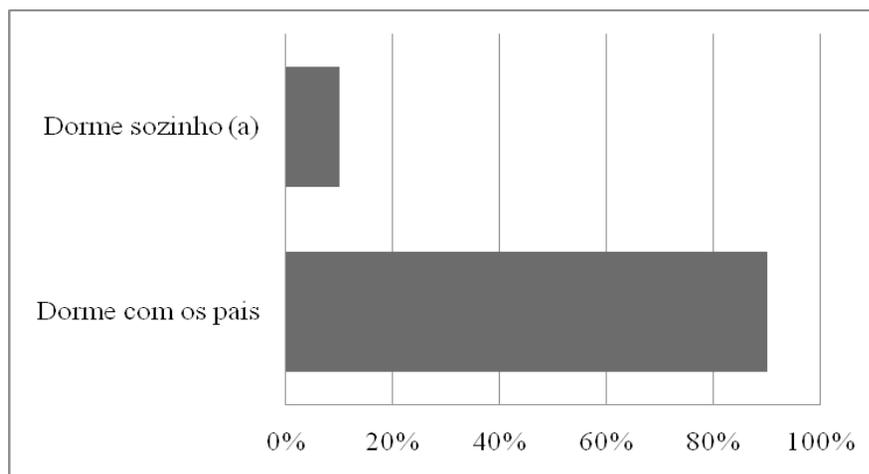
**Figura 2** – Sentimento em relação ao desmame

Palavras como: angustiante (10%), insatisfação (10%) e extremamente difícil (20%) foram relatadas. Ressalta-se que o momento do desmame, em geral, é um momento difícil, mas no caso das mães em questão, ele foi relatado como algo muito mais difícil e desprazeroso do que ele realmente é.

Verificou-se que quatro (40%) das crianças ainda fazem uso da mamadeira ou da chupeta. Quando questionadas sobre o motivo pelo qual elas ainda permaneciam usando a mamadeira ou a

chupeta, foram relatadas as seguintes expressões: “*mas ela ainda é tão pequenininha*”, “*porque ela gosta*”, “*ela pede com jeitinho e a gente não quis tirar*”, “*a gente acha que ainda não é hora de tirar*”.

Outro dado importante foi atribuído quanto à independência da criança em relação ao sono. Nove crianças (90%) ainda permanecem dormindo com os pais, como é possível visualizar na figura 3.



**Figura 3** – Relação das crianças que dormem sozinhas e das crianças que dormem com os pais

No entanto, evidenciou-se que essa separação é muito mais difícil para as mães do que para as crianças: “eu acho que é mais sofrido pra mim do que pra ele”. Em muitos casos, a justificativa foi pelo fato da preocupação com o sono da criança. “Eu agora to pensando em colocar ela no quarto dela, mas esses dias eu coloquei ela no quarto dela, ela dormiu tranquila, mas eu não. Toda hora eu levantava e ia ver se ela tava bem”, ou ainda, “pra

mim é difícil, eu me acordo toda noite pra olhar ela”, “ela se destapa, daí fica doente”.

De acordo com a figura 4, todos os pais trabalham. No entanto, é possível verificar que mais de 50% dessas crianças além de passarem a maior parte do seu tempo com as mães, o que é esperado, possuem a ausência do pai por mais de quinze dias dentro de um mês, justificando ainda mais a dificuldade de um distanciamento saudável para a criança e para a mãe.

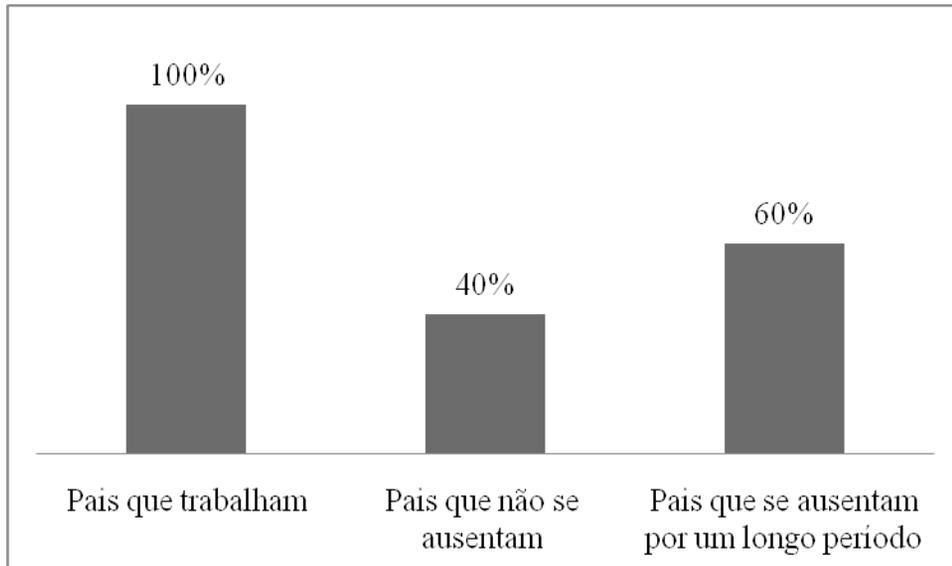


Figura 4 – Ausência dos pais devido ao trabalho

### **Categoria 2 – a criança em relação à dinâmica familiar e regras cotidianas**

Os dados da pesquisa apontaram que 70% dos responsáveis responderam que a pessoa responsável por proporcionar disciplina para a criança na família é a mãe, sendo esse fato confirmado pelos seus respectivos maridos: “ela é quem decide as regras, eu apenas apoio”. Uma afirmação feita por uma mãe em relação ao pai também transparece esse fato “...ele até chama a atenção, mas briga na hora errada e brinca na hora errada” tendo como resposta do pai que ele “...era mesmo muito brincalhão”.

Dentre esses, observou-se que a fala das mães em relação a esse aspecto veio acompanhada da queixa de que elas seriam responsáveis por isso. “Sempre sou eu quem tenho que colocar regras, porque lá todo mundo vive sem regras. Não tem

horário, as coisas não têm lugar. E quando digo não, ele não me apoia”.

Em um dos casos, o pai do menino admite: “eu concordo, porque assim, cada vez que saio eu volto com um presente pra ele. Eu tento suprir minha falta sendo bonzinho com ele”.

### **Categoria 2 – a criança em relação à dinâmica familiar e regras cotidianas**

Durante a entrevista, os responsáveis foram questionados em relação à hipótese da etiologia do desvio fonológico. Verificou-se que na metade dos casos os responsáveis acreditam que a criança fala errado pelo fato de serem mimadas. Tal aspecto foi verificado nos seguintes recortes: “...ah, ela é uma criança mimada... daí às vezes ela começa a falar como bebezinho, faz um denngo, fica mais infantilzinha”, ou ainda, “eu acho que às vezes ela dá uma de bebê, sabe? Quer voltar pra trás, resmungando, chora, faz manha”.

No relato dos responsáveis foi possível observar que eles acham “bonito” a forma errada de falar, pois “...a gente achava bonito quando ela falava as coisas erradas e repetia”; “é que, assim, tudo que ele falava a família achava lindo, as palavrinhas erradas dele”; “ah, ele fala tudo, ele fala errado, troca os fonemas, mas é tão bonitinho”. Dessa maneira, a forma infantilizada de falar é supervalorizada pelo círculo familiar dessas crianças.

## Discussão

Por meio dos dados apresentados verifica-se que a dinâmica familiar possui forte influência no desejo da criança em falar de acordo com as regras linguísticas do seu meio. Já se sabe que o núcleo familiar tem sido citado como um dos principais fatores influentes na etiologia dos desvios fonológicos<sup>20,21</sup>. Um dos aspectos que pode dificultar a terapia de fala e linguagem em crianças com desvios fonológicos é o fator socioambiental. Em estudo, verificou-se que a terapia de fala e linguagem com irmãos dificultou a aquisição dos fonemas trabalhados, visto que o padrão incorreto de fala apresentava reforço entre os irmãos no ambiente familiar<sup>22</sup>.

Outros estudos<sup>23,24</sup> também relacionam a base familiar aos desvios fonológicos. Fatores psicossociais, como baixo nível educacional dos pais, paternidade precoce, famílias incompletas ou com graves problemas de relacionamento são considerados como riscos para o desenvolvimento da linguagem e da fala, porém a etiologia do desvio fonológico ainda é desconhecida.

Autores<sup>25</sup> investigaram os fatores familiares por meio de um protocolo, sendo eles: gravidez não planejada; dependência de álcool e/ou drogas; distúrbios de fala, linguagem e audição; distúrbios psicológicos diagnosticados em familiares próximos; pais separados; pai ausente e perda de parentes próximos. Nesse estudo houve relevância estatística a associação entre problemas psicológicos e o desvio fonológico leve.

Esses autores não encontraram relação causal entre desvios fonológicos e aspectos familiares, porém os mesmos autores enfatizam que esses aspectos podem promover a permanência do desvio fonológico quando incidem em condições psicológicas presentes no ambiente familiar.

Assim, o ambiente familiar pode potencializar a posição refratária que a criança apresenta. A criança, ao não se importar com a sua condição

comunicativa diante do seu interlocutor, pouco mobiliza as mudanças oferecidas em terapia. Assim, questões como a superproteção materna e a valorização da condição infantilizada de fala pelos pais poderiam manter a criança na posição refratária. E é por esse motivo que os terapeutas envolvidos no trabalho com crianças precisam escutar o discurso parental e identificar questões que possam estar influenciando na maneira como a criança se comunica.

Uma escuta realizada dessa maneira somente será possível se ela for permeada pela Psicanálise, pois se trata de uma escuta que vai para além de realizar as perguntas de uma anamnese. Trata-se de atentar aos significantes do discurso parental que, de alguma forma, constituem o lugar para a criança no universo simbólico dos pais, já que toda a história da criança se encontra articulada com o desejo dos pais.

Há tempos a Fonoaudiologia vem referindo aspectos que devem ser levados em consideração e, portanto, investigados. São eles aspectos emocionais, cognitivos, sociais, individuais, motivacionais e familiares<sup>26</sup>. Alguns destes aspectos são estudados pela Psicanálise, entre estes, o lugar simbólico no discurso parental.

Para situar o lugar simbólico que a criança ocupa, é necessário dimensionar a realidade psíquica infantil e a constituição do sujeito, pois uma criança nasce primeiramente de um desejo do casal parental e o desejo parental é notado por meio do discurso dos pais quando estes imprimem seus desejos particulares nesta criança.

A linguagem possui um caráter de ordenamento simbólico. O lugar da criança estará determinado pelo espaço criado para ela no núcleo familiar, lugar de uma série que a significa. Para que seja possível compreender em que medida o sujeito está determinado pela linguagem, pode-se assinalar que, desde que é concebida, a criança é falada e, mais, se fala dela antes de ser gerada, nos projetos, nos desejos<sup>27</sup>. Vê-se isso presente quando, durante as entrevistas, os pais questionados sobre o que pensavam do seu bebê respondiam que achavam que “*ele iria se parecer com o pai*” ou que “*iria se parecer com a mãe*”. Assim, se vai incluindo na criança o que dela dizem os pais, antes ainda de ser parida. Tudo isso vai configurando uma criança determinada pelos desejos parentais que lhe colocam suas próprias ilusões, derivadas de suas próprias histórias.

É, portanto, preso a esse discurso parental que a criança se aventura no campo da linguagem, aos poucos vai construindo sua própria linguagem e colocando em prática seus próprios desejos. Deve-se lembrar que num primeiro momento a criança está atrelada ao discurso materno e este é o primeiro tempo de alienação no qual a criança é então capturada pelo Outro<sup>15</sup> (função materna), momento em que ainda não houve o barramento do desejo materno<sup>28</sup>. Ela se encontrará numa relação simbiótica com a mãe, fundamental neste primeiro momento. No entanto, é preciso que a função paterna, que opera como limite, estabeleça um corte necessário nesta relação dual, para que, assim, introduza-se a criança no mundo da cultura, ou seja, da linguagem. O corte nessa relação simbiótica com a mãe irá causar uma falta na criança, o que faz com que ela se mova em direção daquilo que deseja. Como consequência dessa procura por aquilo que deseja, ela vai se colocando no campo da linguagem, evidentemente “autorizada” pela função materna e paterna.

Para que haja o barramento do desejo materno é preciso que se instaure a metáfora paterna, que é fundante da fala. A partir do momento em que essa metáfora se inscreve na criança, ela tem a possibilidade de fazer sua entrada no campo da linguagem e dar significações à fala<sup>28</sup>. Portanto, quando não há a entrada deste terceiro, a criança não fala e, mais, a criança não se endereça ao Outro, mesmo tendo a capacidade de repetir fonologicamente as palavras, não havendo uma comunicação.

Pode-se falar num sintoma psicopatológico à primeira vista, ser tomado apenas como um problema, mas que com um olhar diferenciado é possível perceber que ali onde a criança tropeça na fala, ali onde o sintoma fica evidente, pode haver algo da ordem da constituição e não do patológico.

Entende-se dessa maneira o sintoma, o problema de linguagem, também como uma formação subjetiva da criança. É importante entender que o sintoma da fala do paciente é uma linguagem que necessita ser entendida e que é através do próprio discurso que o paciente toma consciência de suas dificuldades. Isso implica, em primeiro lugar, que ele se aproprie de sua própria fala e se reconheça no estranhamento. Portanto, implica que a criança se perturbe com sua fala a ponto de querer transformá-la, ou seja, é importante que a criança se encontre nisso que lhe é estranho, mas que faz parte de si.

Portanto, o desenvolvimento da linguagem depende não somente das condições biológicas inatas de cada indivíduo, como também sofre influência de fatores ambientais presentes nos meios em que a criança está inserida, como por exemplo, a família<sup>29</sup>.

## Comentários Finais

A partir dos dados coletados e discussões até o momento, afirma-se que há uma significação parental ao desvio e que esta significação traz efeitos na forma da criança se comunicar com os demais.

Crianças diagnosticadas com desvio fonológico apresentam uma posição refratária às mudanças nos padrões de fala que estaria relacionada à impossibilidade de ter consideração pelas pessoas que a cercam, ou seja, ao não se preocupar com ser ou não entendida por elas. Essas crianças poderiam negar a convenção linguística em função de uma dificuldade de sair do período de dependência relativa com a mãe.

Pensa-se que, apesar das controvérsias entre os profissionais que acreditam nas causas psicológicas e os que crêem em causas orgânicas, é possível estabelecer uma clínica que ligue a patologia dos fenômenos à história singular de representação e linguagem de cada sujeito. É preciso fazer a escuta da fala e o sujeito que fala, procurando entender como ele é afetado por sua fala e como se deixa afetar pela fala do outro.

Dessa forma, é preciso que haja um trabalho integral na terapêutica clínica com crianças, levando-se em consideração a sua relação familiar bem como questões psíquicas, pois se verificou que o discurso parental o qual a criança se encontra inserida pode fazer um sintoma na medida em que atende a uma demanda do desejo materno e denuncia uma falha no exercício da função paterna. Diante disso, pensa-se que fatores da dinâmica familiar devem ser conhecidos pelo terapeuta para que ele possa ampliar o conhecimento das condições subjetivas em que a patologia da fala se instaura.

## Referências Bibliográficas

1. Trigo M de F. (2004). Sobre os distúrbios articulatorios: a heterogeneidade em questão na clínica da linguagem. *Estud. Linguíst.* 2004; XXXIII:1250-5.

2. Faria VO, Trigo M de F. Contribuições da psicanálise na abordagem das falas sintomáticas de crianças. Col. LEPSI IP/FE-USP. 2006. [acesso em 2014 Jul 14]; 5(1):[4p.]. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000032006000100060&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032006000100060&lng=en&nrm=abn)>.
3. Pereira AS, Keske-Soares M. Patologia de linguagem e escuta fonoaudiológica permeada pela psicanálise. *Psico*. 2010; 41(4):517-24.
4. Bender S, Surreaux LM. Os efeitos da fala da criança: a escuta do sintoma na clínica de linguagem. *Cadernos IL*. 2011; 42(1):129-45.
5. Brancalioni AR, Bonini JB, Gubiani MB, Keske-Soares M. Ambientes favorecedores para a produção dos fonemas plosivos /k/ e /g/. *Distúrbios Comun*. 2012;24(1):101-07.
6. Lamprecht RR. Aquisição da fonologia do português na faixa dos 2:9 – 5:5. *Letras de Hoje*. 1993;28(2):107-17.
7. Caumo DTM, Ferreira MIDC. Relação entre desvios fonológicos e processamento auditivo. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*. 2009;14(2): 234-40.
8. Pagliarin KC, Brancalioni AR, Keske-Soares M, Souza APR. Relação entre gravidade do desvio fonológico e fatores familiares. *Rev. CEFAC*. 2011;13(3):414-27.
9. Sices L, Taylor HG, Freebairn L, Hansen A, Lewis B. Relationship between speech-sound disorders and early literacy skills in preschool-age children: impact of comorbid language impairment. *J Dev Behav Pediatr*. 2007;28(6):438-47.
10. Pawłowska M, Leonard LB, Camarata SM, Brown B, Camarata MN. Factors accounting for the ability of children with SLI to learn agreement morphemes in intervention. *J Child Lang*. 2008;35(1):25-53.
11. Wertzner HF, Pagan LO, Galea DES, Papp ACCS. Características fonológicas de crianças com transtorno fonológico com e sem histórico de otite média. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*. 2007;12(1):41-7.
12. Pagliarin KC, Keske-Soares M, Mota HB. Terapia fonológica em irmãos com diferentes graus de gravidade do desvio fonológico. *Rev. CEFAC*. 2009;11(1):20-4.
13. Benine R. “Ómideio” – o que é isso? Questões e reflexões sobre dislalias, distúrbios articulatórios funcionais e desvios fonológicos [tese]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Departamento de Letras - Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem de; 2001.
14. Winnicott DW. Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
15. Kamers M, Baratto G. O discurso parental e sua relação com a inscrição da criança no universo simbólico dos pais. *Psicol., Ciênc. Prof*. 2004;24(3): 40-7.
16. Bernardino LMF. Aspectos psíquicos do desenvolvimento infantil. In: Wanderley D de B (Org.). *O cravo e a rosa: a psicanálise e a pediatria: um diálogo possível?* Salvador: Ágalma; 2008. p. 54-66.
17. Campanário IS. Autismo e sujeito: problemas conceituais: questões que o autismo nos coloca acerca do aparecimento do sujeito. In: Campanário IS. *Espelho, espelho meu: a psicanálise e o tratamento precoce do autismo e outras patologias graves*. Salvador: Ágalma; 2008. p. 75-111
18. Ferrari A. Sintoma da criança, atualização do processo constitutivo parental? *Tempo Psicanalítico*, 2012;44(2), 229-319.
19. Minayo MCS. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
20. Lewis BA, Freebairn L, Hansen M, Taylor HG, Iyengar S, Shriberg LD. Family pedigrees of children with suspected childhood apraxia of speech. *J Commun Disord*. 2004;13(13):157-75.
21. Wertzner HD, Papp ACCS. O aspecto familiar e o transtorno fonológico. *Pró-Fono R. Atual. Cient*. 2006;18(2):151-60.
22. Pagliarin, KC, Keske-Soares M, Mota H. Terapia fonológica em irmãos com diferentes graus de gravidade do desvio fonológico. *Rev. CEFAC*. 2009;11(1):20-4.
23. Mysak ED. *Patologias dos sistemas da fala. Identificação dos distúrbios da fala, princípios de exame e tratamento*. São Paulo: Atheneu, 1998.
24. Lewis BA, Ekelman, BL, Aram DM. A familial study of severe phonological disorders. *J Speech Lang Hear Res*. 1989; 32:713-24.
25. Pagliarin KC, Brancalioni AR, Keske-Soares M, Souza APR. Relação entre gravidade do desvio fonológico e fatores familiares. *Rev. CEFAC*. 2011;13(3):414-27.
26. Mota HB. *Fonologia: Intervenção*. In: Ferreira L P, Befi-Lopes DM, Limongi SCO. *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Rocca; 2004. p.788-814.
27. Jerusalinsky A. *Psicanálise e Desenvolvimento Infantil*. 4ª ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2007.
28. Jerusalinsky A. A metáfora paterna e sua relação com a língua. In: Vorcaro AMR (Org). *Quem fala na língua? Sobre as psicopatologias da fala*. Salvador: Ágalma; 2004. p.73-92.
29. Scopel RR, Souza VC, Lemos SMA. A influência do ambiente familiar e escolar na aquisição e no desenvolvimento da linguagem: revisão de literatura. *Rev. CEFAC*. 2012; 14(4):732-41.